



# METAgrafias

n. 3 - Belo (sobre *belezuras baphônicas*)

# METAgraphias

ISSN 2448-1246

VIS | IdA | UnB

# METAgraphias

VIS | IdA | UnB

## REITORIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ivan Marques de Toledo Camargo

## DIRETORIA DO INSTITUTO de ARTES

Ricardo Dourado Freire

## CHEFIA DO DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Biagio D'Angelo

## COORDENADOR DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

Belidson Bezerra Dias Junior

## EDITORAS

Aina Guimarães Azevedo, Luisa Günther, Maicyra Teles Leão, Maíra Zenun de Oliveira, Priscila Monteiro Borges, Polyanna Morgana Duarte Rocha.

## CONSELHO ARTÍSTICO & EDITORIAL

Adeilton Lima, Aina Guimarães Azevedo, Ana Paula Moreira, Ary Nunes Coelho, César Becker Flores, Daniel Fernandes, Darli Pereira Nuza, Felipe Ramon Alves Olalquiaga, Gabriel Lyra Chaves, Gregório Soares Rodrigues de Oliveira, Jefferson Luiz Damasceno Sooma, Júlia Moana Nóbrega, Leisa Sasso, Luisa Günther, Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, Lukas Pacheco Brum, Maicyra Teles Leão, Maíra Zenun de Oliveira, Maria Beatriz de Medeiros, Maria Eugênia Lima Soares Trondoli Matricardi, Mariana Ramos Soube de Seixas Brites, Mirella Mileidy Assunção Luz Castro, Paulo Ivan Rodrigues Vega, Pedro Ernesto Freitas Lima, Polyanna Morgana Duarte Rocha, Priscila Monteiro Borges, Renata Simoni Homem, Sissa Aneleh Batista de Assis, Tatiana Duarte Menezes, Tiago Henrique Alencar Monteiro.

Campus Universitário Darcy Ribeiro  
Departamento de Artes Visuais, SG-1  
Universidade de Brasília, CEP 70904-970  
Caixa Postal n. 4432  
Brasília-DF

metagraphias@gmail.com  
ISSN 2448-1246

Contribuições devem ser submetidas pelo site: <http://seer.bce.unb.br/index.php/metagraphias>

---

Todos os direitos reservados A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

## suMÁRIO

### **EDIToRIAL & Sobre a CAPA**

<b>glamorosa.....</b>	<b>1-10</b>
...Luisa Günther & Priscila Borges	

### **oBRa (ou) ALGo**

<b>sobre a vida (com e sem purpurina).....</b>	<b>11-15</b>
...Raphael Balduzzi	
<b>abEstinência.....</b>	<b>16</b>
...Lehw Castro	
<b>só por hoje: sempre.....</b>	<b>17</b>
...Alice Magalhães	
<b>placentárias petalógicas e outras poeiras viajantes.....</b>	<b>18-20</b>
...Cecilia Mori	
<b>livro de cabeceira.....</b>	<b>21</b>
...Christus Nóbrega	

### **ENSAIOS IMAGéticos**

<b>girls just wanna have fun.....</b>	<b>22-28</b>
...Luisa Bianchetti & La Conga Rosa	
<b>parto como prazer.....</b>	<b>29-37</b>
...Clarissa Borges	
<b>alice, o chá através do espelho.....</b>	<b>38-42</b>
...Rafael Bqueer	
<b>se oriente rapaz, gênero é o de menos.....</b>	<b>43-58</b>
...Vanderlei Costa	
<b>desenhos.....</b>	<b>59-62</b>
...Raquel Nava	
<b>atos da transfiguração.....</b>	<b>63-69</b>
Antônio Obá & Miguel Simão	
<b>me-food.....</b>	<b>70-85</b>
...Matheus Opa	
<b>estou com medo, mas estou aqui.....</b>	<b>86-93</b>
...Thalita Perfeito	
<b>deusas e suas sombras</b>	
<b>(aquilo que Boticelli não entendeu).....</b>	<b>94-98</b>
...Alla Soüb	
<b>ballet das águas rosas.....</b>	<b>99-117</b>
...Maíra Zenun	

## **ANOTAÇÕES para a CENA**

**DESBUNDE.....118-135**

...coletivo DESBUNDE

**SENHORITAS.....136-146**

...SENHORITAS

## **ARTIGoS**

**corpo e alteridade em gary hill.....147-160**

...Juliana Franco & Ana Lúcia Guimarães

**se não for para causar eu nem saio de casa:**

**dragqueen como potência pedagógica.....161-195**

...André Vilarins

## **DECLARAções multiVERSAS**

**à beira: breves notas sobre o pertencimento da sexualidade  
na pesquisa artística.....196-202**

...Rodrigo D'Alcântara

**na mesma cela, 99 homens e 3 mulheres.....202-208**

...Fabiana Moraes

## **MANiFESTO**

**minha beleza preta é baphônica sim!**

**(ou) SEUS PADRÕES DE BELEZA BRANCO E EUROPEUS ESTÃO  
SUJOS COM O SANGUE DO NOSSO POVO.....209-212**

...Matheus Raynner André

**ligeiras notas sobre a imagem**

**(como se ela fosse coisa).....213-215**

...Luisa Günther

## EDITORIAL

glamorosa

*A dimensão estética não pode validar um princípio de realidade. Tal como a imaginação, que é sua faculdade mental constitutiva, o reino da estética é essencialmente “irrealista”; conservou a sua liberdade, em face do princípio de realidade, à custa de sua ineficiência na realidade. Os valores estéticos podem funcionar na vida para adorno e elevação culturais ou como passatempo particular, mas viver com esses valores é privilégio dos gênios ou marca distintiva dos boêmios decadentes. Perante o tribunal da razão teórica e prática, que modelou o mundo do princípio de desempenho, a existência estética está condenada. Contudo, tentaremos mostrar que essa noção da estética resulta de uma “repressão cultural” de conteúdos e verdades, inimigos do princípio de desempenho.*

Herbert Marcuse  
*Eros & Civilização*

Era uma vez, algo que li. Acreditei. Confesso que, nem sempre, acredito. Desta vez, aquilo que li era exatamente o que ainda não saberia escrever. Talvez por isso, o espanto. Sem dúvida, por isso, tamanha credulidade. Sentia aquela sinceridade, apesar dela ainda não caber em palavras-minhas. Ou talvez, só era verdade, justamente, porque ainda não compunha palavras. Às vezes, é assim. Acontece contigo também? Algumas coisas são bem mais simples do que aparentam. Eu, por exemplo, sou azul. Só não entendo, porque os outros não percebem. É preciso transparecer na pele? Não basta, simplesmente, que eu assim proclame: sou azul. Parece que não. Infelizmente, as outras verdades, de todos os outros, parecem ignorar pequenos detalhes-iconoclastas que são tão importantes para mim. Acontece contigo também? Enfim. Só sei que, quando aquilo que li, configurou sentido diante de meus olhos, tive de acreditar. Senão, deixaria de ser eu mesma. O que estava escrito? Não lembro da sequência exata, se existiam vírgulas e acentuação adequada, lembro apenas de uma impressão. Algo como: somente o *belo* pode ser revolucionário pois o *belo* é aquilo que implica e alimenta nossos desejos. Logo imaginei que sendo o *belo*, algo do desejo, cada um tem o seu.

Então, se o desejo é revolucionário,

o *belo* é o que nos torna possíveis em nossa vontade de ser,

também, um pouco parecidos com nossos desejos.

Enquanto isso, em terras-passárgadas, não sou amiga do rei. Aqui, o rei é um golpista de araque e já não existe realeza. Em contrapartida, sou rodeada por outras criaturas e existências muito mais interessantes e mais dramáticas: cada uma repleta de multi-si. Aqui, existem rainhas e divas; divindades e clichês; plumas e purpurinas; distintos gêneros e comoção. Tudo bem. Entendo. Nem tudo são flores. Para cada rainha, um preconceito. Para cada divindade, um sacrilégio. Para cada gênero, um armário pequeno e mofado, com gavetas soltas e portas quebradas (tortas e amassadas por não comportarem tamanha solidão). Infelizmente. Nem tudo são flores. Nem tudo é purpurina. Nem tudo pode ser, simplesmente, desejo. Como se isso fosse pouco. *Desejo*: que o belo em mim, reconheça e ame, o belo que existe em ti. *Desejo*: que o preconceito em ti, não corrompa nossa existência mútua. *Desejo*: que tudo reverbere as próprias mandingas. Entretanto, também sei, que aqueles que não querem descobrir o que fica ao fim do arco-íris, são os mesmos que não conseguem existir para além de seu tênue e imediato horizonte de perspectiva -ou seria outra coisa?

Não saberia opinar. Então, que venha o devaneio.

Devaneio. Desejo. Diva-vagações. *arte contemporânea*? Pode ser. Começo a lembrar de outra coisa. De uma discussão muito esquisita sobre *como* e *porquê* a arte moderna promoveu uma regressão da sensibilidade do *público leigo* (Eita! Qué-isso? Existe?) que se incomodava com aquelas inusitadas formas simbólicas, desmerecendo a importância do seu conteúdo. (Ué? Mas não seria sobre a arte contemporânea... Não! Péra. Era para ser um devaneio, mas aproveitando a oportunidade: são a mesma coisa? arte moderna e arte contemporânea? Não, né?! Só não entendo quando começa uma e termina a outra? Alguma delas termina? Não se sobrepõem? A arte moderna foi contemporânea a si mesmo? Eu héim...).

Em meio a essa discussão (muito esquisita porque, sinceramente, fico imaginando como é que a arte poderia promover uma regressão da sensibilidade) era preciso justificar a Estética como um campo teórico preocupado com as qualidades do sentir (Bastos, 1987; Suassuna, 2004), em contrapartida à responsabilidade-histórica de privilegiar a compreensão de sentimentos de natureza positiva como o *belo*, o *agradável*, o *sublime*. Argumentava-se assim que determinada arte do século xx confrontou esta tradição ao apresentar conteúdos do imaginário que promoviam sentimentos de repulsa, aversão e *estranhamento* (como se o grotesco nunca tivesse existido antes... humpf!). Fazia isto, teimosamente, em detrimento de aceitar ser um dispositivo que visava procedimentos e estratégias de legitimação simbólica da ordem social (ou) o encargo de socializar e informar sobre a natureza do coletivo. Não. Segundo alguns, esta arte transformava-se em *ideal-de-si-e-para-si-mesma*, tão absorta em suas próprias potências-poéticas que sufocava as pretensões, tornando-se, para alguns, uma forma alienada e alienante de cultura. Será? Ao que parece, todo este argumento tão somente resgata a distinção-esdrúxula entre uma existência eficaz (como, por exemplo, a função social do adorno: serve, de fato, para algo? <ou, pior> Adorno, contribui para que tipo de conservadorismo?) e a condenação do frívolo. Sinceramente: isto é recalque. Não é? Coitados daqueles que não se permitem o divertido, o fútil e o inesperado como partes constituintes de si. Coitados daqueles que não conseguem ver os outros felizes. Sim. Sim. Sim. Nem tudo são flores. Nem toda purpurina consegue brilhar para além do espelhamento das frestas recônditas dos abismos de si. Porém, será que alivia afirmar que determinados

*procedimentos plásticos carregam consigo uma concepção da criação artística que a aproxima do campo que a psicanálise designa como seu: o dos lapsos de linguagem, dos atos falhos, dos sonhos, dos sintomas neuróticos – todos esses fenômenos julgados até então como absurdos e desprovidos de sentido, que o método psicanalítico recupera como preciosas fontes de conhecimento da alma humana (Rivera, 2002: 13).*

Não sei. Sinceramente.

Tanto faz.



Nesta edição são apresentadas poéticas que tangenciam as plenitudes, sejam elas como são, em sua possibilidade-infinita de configurar sentidos e sensibilidades: afinal, qual o lugar do outro na sua experiência, nos pergunta **Juliana Franco** e **Ana Lúcia Guimarães** ao promover uma reflexão sobre a vídeo-obra de Gary Hill; **Christus Nóbrega** nos seduz o olhar com um mamilo inquieto, olho-primeiro que vê; **Alice Magalhães** e **Clarissa Borges** incorporam o ser-grávido como prazer e melancolia, para compor com a dor e com os portais-do-existir; as multifeminilidades contornam-se por entre os desenhos de **Raquel Nava** + o diário-fotográfico de **Thalita Perfeito** + as foto-performances de **Rafael Bqueer**; **Alla Soüb**; **Matheus Opa**; e, **La Conga Rosa & Luísa Bianchetti** + a presença de Fernanda nas palavras de **Fabiana de Moraes**; a identidade como performance de gênero transparece em poéticasDRAG, seja como vida e obra em **Rapahel Balduzzi** + como potência pedagógica em **André Vilarins** + como espetáculo com o **coletivo DESBUNDE** ou com o **Senhoritas**; ainda sobre as implicações-mútuas entre as identidades e as estruturas de poder, **Mateus Rayner André de Souza** e **Rodrigo D'Alcântara** apresentam argumentos e contra-experiências; já para além do gênero, **Vanderlei Costa** partilha seu imaginário-tátil, assim como **Cecilia Mori**, que engendram um deboche-divertido como o de **Lehw Castro**. Após tudo isto, talvez como redenção para que a gente resgate a leveza que abençoa, desejo também a prece. Pois que venham os feitiços que lavam a alma de **Luzia Gomes** aos olhos de **Maíra Zenun**. Ou não. Que o silêncio seja interrompido e as certezas tolhidas como promove **Antônio Obá**, escultor de si nas palavras de **Miguel Simão**. Ah! Quase esqueci! O quê escreve **Luisa Günther**? Também tanto faz.

BASTOS, Fernando. *Panorama das Ideias Estéticas no Ocidente (de Platão a Kant)*. Brasília: Editora, UnB, 1987.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

RIVERA, Tânia. *Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

## sOBre a caPA

Capa criada a partir de fotografia de Robson Oliveira que também maquiou Guilherme Barros para o desfile da Daspu que aconteceu em 2016 e foi dedicado à Elke Maravilha. O desfile apresentou na passarela prostitutas, mulheres cis, modelos trans, purpurinadas e transcendentais e integrou a programação do Satyrionas que teve como tema "*Phedra de todas as cores*" em homenagem à atriz trans Phedra D. Córdoba, morta em 2016.